

a lenda das quimeras

patricia fernandes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Dedico este livro à minha irmã, que, bem cedo, descobriu a leitura pelos meus olhos e eu descobri-me no brilho dos seus. O mesmo exato brilho que é, para mim, a luz da minha vela nos dias mais escuros. Dedico-o por último, mas não com menor importância, ao meu parceiro, o primeiro a dizer-me «siga!».

A LENDA DAS QUIMERAS

Junho, 1888: Insanidade	13
Julho, 1888: Culminar da Insanidade	107
Agosto, 1888: Uma Receita Tenebrosa	289
Setembro, 1888: Louco por Fim	305

ANO DE 1888

O que aconteceu? O que foi?
Eu lembro-me...

Gritos de recusa, mais gritos de horror. Depois, o choque. Terminou em
escuridão. Isso! Escuridão. Perdi-me.

Restou-me procurar pela luz, mas eu já não lhe conhecia a cor.

JUNHO, 1888: INSANIDADE

«Tornei-me insano com longos intervalos
de uma horrível sanidade.»

— *Edgar Allan Poe*

QUARTA-FEIRA, 13 DE JUNHO

VILA FIM DA CAIXA

Vinte e três anos acabados de fazer. O meu aniversário não fora há muito. Conseguia ainda ouvir a voz da minha mãe a reclamar por não ter concordado com uma festa de anos, maior do que o recato do jantar de celebração em família. «Pensas que serás jovem para sempre?», perguntou-me duas, três e quatro vezes. A mulher parecia uma grafonola avariada, atormentada pela possibilidade de que eu desperdiçasse a minha juventude. Então agora, que me achava sem um prometido, a coisa tinha piorado. Mas, pelo lado positivo, ela decretara que eu ainda era bonita. Isso era bom, não estaria tudo perdido. Ainda poderia ter um futuro matrimonial satisfatório e, raios, como a minha mãe se preocupava com isso. Felizmente, antes que desse em doida, os meus tios, os Baltazar, tiveram a amabilidade de me convidarem a ficar com eles por uns tempos numa aldeia remota, bem longe da loucura e das exigências constantes dos meus pais. Na carta, que me endereçaram, os meus tios prometiam ter um caso que seria do meu interesse. Formei-me recentemente, como advogada. Ainda não sabia bem o que fazer com este título, mas sabia, pelo menos, que queria uma vida de aventura, que me levasse a cantos e recantos capazes de marcar a minha existência com as histórias mais incríveis. A minha mãe achava que esta minha vontade era coisa passageira, dos meus agora vinte e três anos. Ela previa que duraria por mais dois anos e depois eu desesperaria por um casamento. Tolices. Foi por isso que aceitei o convite dos meus tios de bom grado. Interessava-me descobrir o dilema que poderia existir numa terra tão pequena quanto a

deles, onde moravam pouco mais de duzentas pessoas, na sua maioria agricultores e cuidadores de animais.

— O-o-oh!

O cocheiro, um jovem bem apresentável e conhecedor dos bons maneirismos, puxou as rédeas. Depois de quase um dia de viagem, chegámos à casa dos meus tios. Tratava-se de uma casa de dois andares, com ar sóbrio e austero, rodeada por uma horta e arbustos, igual a tantas outras casas de família. Só que no meio do nada. A vila mais próxima estaria a uns trinta minutos a cavalo, seguidos numa estrada de terra retalhada por buracos e calhaus, entre longos campos de cultivo e matagais.

Uma mulher não demorou a sair da casa, era a governanta.

— Menina, vá já para a casa do trabalho. Os seus tios precisam de si.

A casa do trabalho a que se referia era o matadouro. Os meus tios geriam o único matadouro da região. Dizia-se que o negócio ia bem. Chamar-lhe «casa do trabalho» devia ter sido ideia da minha tia. Ela não gostava de palavras indelicadas.

— Bom-dia, senhora Luísa. O que aconteceu de tão urgente?

A senhora Luísa, já perto dos sessenta anos, vivia e cuidava dos meus tios desde que se tinham casado, há vinte e cinco verões. Ambos a consideravam como uma mãe, disse-mo a minha tia em diversas ocasiões. Fingiu então ajeitar o cabelo grisalho preso num toco, observando o que nos cercava pelo canto dos olhos. Logo usou o meu nome com extrema gravidade:

— Menina Alfreda! Por favor, apenas vá.

— E as minhas malas?

— Eles explicar-lhe-ão tudo.

— Tudo o quê?

— Cocheiro, pelo que espera? Vá, ponha os cavalos a mexer — exigiu.

Dominado pelo tom imperioso, o cocheiro obedeceu e eu não me opus. Este encontro inquietante com Luísa deu-me a impressão de que esta viagem iria surtir o efeito desejado. Era urgente abstrair-me das rasteiras que a vida me andava a pregar. Fechei os olhos e levei a mão ao peito para conter um aperto repentino. Seguiu-se um suspiro, assim que fui tomada pela ideia assombrosa de que já tinham passado dois meses desde que a minha primeira relação amorosa chegara a um fim. Não conseguia parar de pensar se ele já teria outra nos seus braços. *Raios, não é que a minha mãe até tinha alguma razão quando dizia que eu ainda desesperaria por um casamento, ou, melhor, por um amor?* Tirei uma fotografia dele da minha bolsa. Trazia-a comigo para momentos como este, para acalmar a tristeza, senti-lo presente. Suspirei novamente. Como eu estava farta destes sentimentos, porém, não

era suposto sentir-me de outra forma. Não era possível que eu não sentisse falta do homem que me fez sentir sensações para lá do que os meus sonhos mais atrevidos conseguiam alcançar.

Afonso de Albuquerque, o nome que ainda deixava o meu coração saltitante.

Basta! Procurei usar a paisagem campestre, verde e vistosa, banhada pelo sol de fim de primavera, como uma distração, mas, por maior que fosse a sua beleza, essa parecia invisível aos meus olhos. A dor roubava-me a presença do mundo físico, transportava-me a um passado que eu ansiava por recuperar. Suspirei pela milésima vez. Tinham-me dito que a casa do trabalho fora construída fora da vila, porque os brados dos animais a serem tomados da vida perturbavam a população. Quando lá estivesse teria de suportar esse desconforto, mas, embora isto me aborrecesse, seria um bom treino para me alienar das emoções e criar espaço para o pensamento prático que a vida exigia aos ambiciosos.

Minutos mais tarde, avistava-se o matadouro entre longos descampados, no topo da montanha com vista privilegiada para a vila. Parecia-se em muito com um barracão. Havia nele uma única entrada frontal de grande largura e altura. Poderiam entrar por ali duas charretes em simultâneo. Por essa entrada saiu um homem que, a julgar pelo avental ensanguentado em torno do seu tronco franzino, deduzi ser um empregado do matadouro, andou até à charrete de braços estendidos a fazer sinais para que parássemos. *Ele parecia calmo, como se nada de alarmante se passasse.*

Um outro homem, encostado a uma das paredes da casa do trabalho, afixava um cutelo de muitos dentro de um balde ao seu lado. Fazia-o sereno, enquanto lançava um olhar de esguelha na minha direção. Parecia deveras insatisfeito por me ver — *estranhamente, estava certa de que esta era a primeira vez em que nos cruzávamos.*

Quando a charrete finalmente parou, questionei imediatamente sobre os meus tios, a minha necessidade imediata em vê-los era imposta pela urgência da governanta.

— Bom-dia, menina — cumprimentou-me o homem do avental ensanguentado, cujo nome vim a descobrir mais tarde ser Tomé, enquanto o outro empregado se limitou a olhar-me de cima a baixo. Senti-me intimidada por esse outro, principalmente pelo seu porte robusto, sem menosprezar as suas feições pesadas. *Diria serem demasiado pesadas para um jovem que ainda estaria longe dos trinta anos.* Fingi não o notar.

— Siga-me — acolheu-me o bom homem, Tomé.

— Sobrinha! — berrou o meu tio assim que entrei.

Vi-o descer a escadaria que levava a um piso superior. Vinha sorridente, embrulhado numa bata igualmente ensanguentada. Diferente de Tomé, a bata do meu tio salientava-lhe a barriga volumosa, tanto que praticamente não notei que ele já não tinha um único fio de cabelo na cabeça. Na verdade, mal me lembrava da última vez em que o vira. Tinha sido há muito tempo, morávamos longe.

Sorri timidamente. O aspeto interior do matadouro causava-me maior desconforto do que esperei. Previ assim que iria precisar de muito treino se entendesse habituar-me a ser alheia às emoções que tanto sangue e tantas carcaças, penduradas em cordas como roupa num estendal, impunham sobre mim. Existiam ali, no centro de tudo, uma mesa de trabalho com os instrumentos, que aprimoravam todo e qualquer desconforto e repugnância que já estivesse a sentir. Evitei observar aqueles que usavam esses instrumentos. Não era educado de minha parte, mas era o mais saudável no momento. Dei a minha atenção ao meu tio.

— Não imaginas como eu e a tua tia estamos felizes por te ver aqui. Vem comigo, por favor. Quero levar-te ao escritório do nosso estabelecimento — disse com os braços estendidos. Colocou um deles atrás das minhas costas e guiou-me escadaria acima. Quando já íamos a meio, o empregado do olhar com censura avisou da chegada de um cliente, que vinha com duas vacas para a matança.

— O cliente quer saber o preço — berrou o empregado junto à entrada.

— Qual cliente? — inquiriu o meu tio, soando desagradado.

Seguiu-se um silêncio, o qual terminou com a resposta do meu tio:

— Diz-lhe que já desço.

— Eu posso esperar — decidi salientar.

— Ele também. Vamos, a tua tia está ansiosa por te abraçar.

Entrámos numa sala com arcas de sal por toda a parte, onde a minha tia e outras duas mulheres se encontravam a pincelar pedaços de carne com uma mistura alaranjada depositada em baldes de metal. A minha tia, Helena Baltazar, de quarenta e três anos, pousou os apetrechos e sacudi as mãos no avental. Notei que continuava esbelta e as suas feições permaneciam meigas. O seu espírito, jovial e acolhedor, mantinha-se vivo na sua voz.

— É para conservar a carne, querida — esclareceu-me ao notar o meu olhar pousado sobre o balde, ao que se seguiu um abraço quente e animado.

— Como correu a viagem, minha querida sobrinha? É tão bom ver-te aqui.

— Foi calma. Contudo, à chegada a vossa casa, a senhora Luísa pareceu-me agitada. Preocupada, até.

— Ora, é a senhora Luísa. Não ligués. — O meu tio engasgou-se num riso descabido e, assim que se recompôs, prosseguiu: — Fala-nos dos teus pais, como estão? Já não os vemos desde o Natal passado. Ou terá sido há dois natais?

— Estão bem. Tem a certeza, tio? Ela estava pálida de desassossego.

A conversa foi interrompida pelo empregado que antes tinha avisado o meu tio sobre o cliente à espera.

— Patrão, o cliente não se cala.

— Estes vaqueiros, sempre tão impacientes. Diz-lhe que já vou.

A minha tia riu-se. Foi um riso transparente, que revelava o quão apaixonada ainda estava pelo meu tio. Achei-me a desejar que um dia a sorte me sorrisse de igual modo. Esperava encontrar o mesmo tipo de amor: alegre e saudável. *O mesmo que julguei ao meu alcance numa vida ao lado de Afonso.*

— Querida, enquanto vou lá baixo, por favor, contas à nossa sobrinha a razão do nosso convite?

Razão? Fiquei nervosa. O meu tio acenou e saiu. Logo, a minha tia pediu-me:

— Podes seguir-me, por favor? Deixa-me mostrar-te as instalações.

Assenti e percorremos o corredor, que servia também de varanda com vista para a parte do piso inferior. Deslocámo-nos até ao escritório do meu tio, onde havia uma secretária no centro, um armário de duas portas à direita e pilhas infindáveis de papel.

— Lamento a confusão, mas já deves estar ciente de como o teu tio acredita que na sua confusão há organização.

— O meu pai é a mesma coisa.

— Bem sei, não fosse eu sua irmã — a minha tia sorriu. — Não sei se o teu pai te falou do motivo do nosso convite. Ou melhor, a tua mãe. Foi com ela que falei pelo telefone antes de te endereçar a carta.

— A minha mãe não me adiantou pormenores.

Alguém bateu à porta, interrompendo-nos. *Começava a tornar-se hábito.*

— Querida? — era o meu tio. Entrou bruscamente no escritório e, sem demoras, envolveu a minha tia num abraço apertado e sentido. *Um abraço que pressagiava tragédia.*

— O que aconteceu, José?

— Não era um cliente que estava lá em baixo — reforçou o abraço. — Um dos homens que trabalham connosco acabou de falecer.

— Falecer? — a minha tia desprendeceu-se do abraço. Olhou para o meu tio com assombro e questionou com o maior dos tormentos: — Quem?

O meu tio não lhe respondeu. Permaneceu silencioso, preso numa postura inquieta. *Não estava triste, tive a certeza disto.*

— Não, não estás a dizer que foi? — os lábios dela tremeram, recuperou o abraço interrompido e desatou a chorar. — Mais um. Este pesadelo parece não ter fim! — bramou, abafando a voz dorida no ombro do meu tio.

— O que o matou? — *Mais um? Pesadelo?*

— Não falemos sobre isso — murmurou o meu tio num tom ríspido que demandava obediência.

— Não falemos sobre isso — reforçou a minha tia entre lágrimas dos mais puros desalentos, e *fê-lo como se citasse uma oração.*

Descemos as escadas. O meu tio preparava-se para fazer um discurso que não teria mais do que duas palavras. Iria dispensar a maioria dos empregados, servindo-se de dois, com os quais carregaria o cadáver até à família. Não envolveria a polícia, percebi que era pertinente não chamar as atenções. A minha tia iria apenas prestar uma última homenagem, rezar sobre o corpo uma breve oração. Tinha insistido.

Encontrámos o falecido estendido no chão com os braços e as pernas inertes, esticados para os lados como quem se deita na neve para fazer um anjo. Vestia calças de pano e uma camisa velha, ambas em tons acastanhados. Ainda usava o avental sujo pelo sangue da carne, que cortava numa mesa ao seu lado no momento da morte. Alguém lhe cobriu o rosto com uma toalha dobrada em duas.

Os restantes empregados, quatro homens e duas mulheres, reuniram-se em volta do meu tio e ouviram-no. Helena, a minha tia, afastou-se de nós e debruçou-se sobre o homem caído. Vi-a levar a mão ao peito com extremo pesar. Moveu a toalha e espreitou para o rosto dele uma última vez, antes que o *rigor mortis* o tomasse. Assustou-se. Soltou um berro estridente que me fez arrepiar. Ela tentou erguer-se, *fugir*. O cadáver já não era um cadáver. Rebolou para cima dela, procurando atacá-la com a ira de uma tempestade. Os empregados e o meu tio, depois de hesitarem por meio segundo, correram em auxílio da minha tia. Agarraram no homem, que espumava pela boca como um cão raivoso, e contiveram-no. Também eu fui em auxílio dela, ajudei-a a erguer-se. Embora estivesse muito preocupada com ela, não consegui deixar de ver o estado animalesco em que o antes cadáver se apresentava. Havia confusão, uma fúria desmedida entalhada no seu olhar. Da sua boca não saíam mais do que grunhidos sufocados pela espuma branca que lhe escorregava por entre os lábios. Respirava com força, como se tivesse

acabado de correr uma maratona. Continuou a arfar por um pouco mais, até que, segurado pelos braços e pernas, o seu rosto descaiu e instalou-se um silêncio angustiante, quebrado apenas quando alguém disse:

— Está morto.

O regresso à casa dos meus tios foi silencioso. Quando chegámos, ofereceram-me o quarto de hóspedes e, não muito depois de lá pousar as malas, o meu tio desapareceu durante horas. Segundo a minha tia, ele tinha ido prestar apoio à família do falecido, enquanto ela tinha ficado a ajudar-me com as acomodações.

— A tia tem a certeza de que quer estar aqui? — atrevi-me.

— Não te preocupes com nada, querida — disse a minha tia, ajeitando as almofadas da cama em que eu dormiria.

— É difícil saber o que dizer nestas alturas.

— Exatamente, querida. É por isso que não necessitas de dizer nada. Neste momento, só preciso que estejas aqui, ao meu lado. A existir... a continuar a vida.

— Tia, permita-me que lhe pergunte qual foi a causa da morte.

— Compreendo a tua curiosidade. Queres saber mais sobre o que aconteceu, de modo a que saibas como melhor me tratares, mas não é tarefa tua. A minha dor é minha e só eu poderei responder-lhe na medida certa. Sei, no entanto, que te devo esclarecimentos para acalmar a agitação que o meu luto te possa estar a causar.

A minha tia ergueu a cabeça e, abrindo a boca, engoliu ar suficiente para encher os pulmões e evitar as lágrimas. Corajosa, contou-me:

— Era um pai de família, honrado e trabalhador. Sempre prestável e disponível às necessidades de quem quer que fosse. Raul foi-nos tirado por um mal cuja existência não deveria ser permitida, sobrinha. Por enquanto, não sou capaz de contar-te muito mais do que isto. Hoje não tenho forças para conviver com a revolta que a morte deste bom homem me causa. Agora, se me deres licença, vou ajudar a senhora Luísa com o jantar.

Horas mais tarde, encontrava-me sentada à mesa, a desfrutar do que teria sido o jantar de boas-vindas se a ocasião fosse mais alegre. Fazia-o na presença da minha tia e da senhora Luísa. Não esperámos pelo meu tio, pois voltaria a horas incertas.

— Espero que a comida tenha sido do seu agrado. — Luísa interrompeu

o silêncio desagradável que se fazia sentir desde o momento em que a minha tia me deixara sozinha no quarto.

— Não poderia estar mais agradada.

— Folgo em sabê-lo, menina.

Com esta deixa, o silêncio retomaria o seu lugar, mas eu não o permitiria. Nesta altura, eu ainda era jovem e não compreendia o conforto do silêncio em horas infelizes, porém, sei que a minha intervenção não foi tão inconveniente quanto seria de supor neste cenário:

— Tia, agora que terminámos o jantar, será inoportuno questionar a razão do convite?

— Com tudo o que se passou, escapou-se das minhas ideias contar-te a razão. Há uns dias, os nossos homens foram a uma quinta da região buscar umas quantas cabeças de porcos para a matança. Quando chegaram ao matadouro, não estivemos com meias-medidas. Desmantelámo-los e atirámo-los para as arcas de sal. Tudo corria bem até sermos informados de que os homens trouxeram um porco que não deviam ter trazido.

— Arcas de sal?

— Sim, querida. O sal conserva a carne. Continuando o que estava a dizer, os donos da quinta querem que o corpo do tal porco seja devolvido à parte, mas não temos como o fazer, pois misturámos a carne toda. Ainda tentámos enviar um porco qualquer em separado, todavia, por algum motivo, rejeitaram-no e alegaram que não era o mesmo. Pergunto-me como é que conseguiram distinguir. A carne de porco parece-me toda igual. Mas isso não interessa, porque também tentámos pagar-lhes pelo porco e não quiseram o dinheiro.

— Seria um porco de estimação?

— Aquela gente ter um porco de estimação?

A minha tia conteve um breve riso.

— Não, querida. Não sei qual é a razão por trás de tanta insistência. Até porque chegaram ao cúmulo de nos ameaçar com uma denúncia no tribunal do distrito. Eu e o teu tio já não sabemos o que fazer.

— Já entregaram alguma da outra carne?

— Não aceitam nenhuma carne até que lhes enviemos o corpo do raio do porco em separado. É por isso que temos de chegar a um entendimento com a quinta o quanto antes. A carne está a ocupar espaço no nosso armazém e, se ficar estragada, vamos ser obrigados a arcar com o prejuízo do serviço não pago e ainda teremos de indemnizar a quinta. Será catastrófico para as nossas finanças. Como deves imaginar nem todos os advogados se querem envolver num serviço tão arriscado como este. Se correr mal, podemos não conseguir pagar-lhes. Precisamos da tua ajuda, sobrinha.

Sorri. Resolver este caso seria um bom exercício para mim, uma jovem advogada no início da sua carreira. Se fosse bem-sucedida, teria experiência para adicionar no meu currículo, o que seria melhor do que qualquer pagamento. Sem experiência alguma e sendo mulher, acabaria como assistente de um advogado e esse não era de todo o meu objetivo de vida. Desejava mais, muito mais e, apesar de assustada pela importância e rigor do que me era pedido, não hesitei ao responder:

— Garanto-lhe que farei o meu melhor. Gostaria de ver o contrato de prestação de serviços com a quinta.

— Contrato? Sabes como as coisas são por aqui. Todos os contratos são verbais. Dizemos o preço, apertamos as mãos e fazemos o serviço. As coisas são mantidas simples.

— Imagino que sim, claro. O que mais me pode dizer sobre a quinta?

— A quinta pertence a gente rica e caprichosa, sobrinha. Sem eles, o nosso negócio não andava tão bem. Precisamos que a nossa amizade seja restaurada.

— Há algo mais?

— O teu tio acredita que os donos da quinta endoideceram. Afinal de contas, porcos são porcos.

— Endoideceram?

— Como justificarias tamanho aparato por causa de um porco?

Assim que terminámos de arrumar a mesa, dirigimo-nos aos nossos respetivos quartos. Com o bater da porta daquele em que eu ficaria, apercebi-me de que não tinha sono. Tinha cravada na mente a última visão do homem que morrera, a espumar e a espernear até que as forças o abandonaram. Eu precisava de me abstrair deste tormento se quisesse encontrar o sono. Arranjei então espaço na cómoda e sentei-me a escrever uma carta para mais tarde ser endereçada aos donos da quinta. Pretendia usar a lei como escudo. Iniciaria as comunicações formalmente, mostrando profissionalismo e boa-fé. Em menos de uma hora, completei a carta. Esta foi a parte fácil. Seguir-se-ia um encontro com os donos da quinta. Teria de me preparar muito bem, já que desconfiava de que toda esta alhada fosse uma artimanha da quinta para não ter de pagar pelo serviço e ainda conseguir lucrar algum dinheiro com uma indemnização. Afinal de contas, o que raio poderia distinguir um porco dos outros? O que teria este de especial?

CARTA

«Querida Alfreda,

O desespero é do pior que possas encontrar na vida; arranha-te a alma e entorpece-te o amanhã com pensamentos amargos do hoje. Isto leva-me a concluir que o hoje é a maior responsabilidade que nos pode ser atribuída. É no hoje que tudo reside. É no hoje que temos a possibilidade de transformar os nossos tormentos em energia que nos mova no tempo positivamente. Não me tomes como uma tola otimista. Sei bem que o amanhã não é palpável, é misterioso e matreiro. Não há muito que se possa precaver quanto à sua imprevisibilidade, apenas nos é permitido usar as rasteiras do passado para nos fortalecermos contra o que possa aparecer. O melhor conselho que nos pode ser dado é esse mesmo; que usemos o passado como um escudo, forte e diligente, contra o amanhã aterrador.

De alguém que bem te quer, bem te deseja.»

AGRIDOCE

Todas as manhãs, eu fazia o mesmo. Saía da cama, enrolava-me com um robe de seda e sentava-me em frente ao espelho da cómoda de quarto. Nesta manhã, não foi diferente. Penteei calmamente o cabelo e aprisionei-me no meu reflexo, tentei memorizar cada traço do meu rosto estreito: a posição das minhas sobrancelhas finas, do meu nariz arrebicado e dos meus lábios em forma de coração. Era minha crença que os traços do rosto eram capazes de contar histórias, de denunciar o presente e, por vezes, de antecipar o futuro a quem tivesse o cuidado de os observar. Neste preciso dia, sei que as minhas olheiras acusavam as minhas noites mal dormidas, denunciavam o meu cansaço corrente e antecipavam o meu regresso precipitado a casa para descansar. «Afonso» também podia resumir o meu passado, presente e futuro com a dor que o fim da nossa relação ainda me causava. O meu pai bem que me tinha avisado, «nunca te apaixones, nunca cedas o poder sobre ti a ninguém ou terás de acarretar com o desgosto que tal te trará». Mas que tipo de diversão existiria numa vida tão pálida, sem o doce desejar por alguém com quem partilhar momentos de ternura e bem querer? Senti uma palpitação. Não me fazia bem debruçar-me sobre as venturas que um amor deveria contemplar, enquanto tivesse o coração partido.

O relógio sobre uma das mesinhas de cabeceira indicava que tinha dormido para além do devido *ou talvez não*. Não sabia a que horas abria o mata-douro, por isso apressei-me a vestir e dirigi-me à cozinha, confiante em que lá encontraria Luísa. Vi-a a lavar a loiça numa banca defronte a uma janela com vista para a horta.

— Bom-dia, senhora Luísa.

— A menina já acordou? Não esperava vê-la a pé tão cedo. Ainda nem sequer são oito da manhã, tem a certeza de que não quer dormir mais um pouco?

— Não, senhora Luísa. Preciso de ajudar os meus tios.

— O seu tio já saiu, menina. Não a quiseram acordar.

— Tão cedo? E a minha tia?

— O seu tio foi na hora habitual, sempre às sete horas. A sua tia ainda

está a descansar, acordou indisposta. Receio que não irá trabalhar hoje. Dirija-se à sala de jantar, que eu já lhe levo a bandeja com o pequeno-almoço.

— Imagino que a minha tia ainda esteja triste com o sucedido — respondi-lhe, tendo a minha voz falhado ao perceber as enormes olheiras por baixo dos olhos de Luísa.

— Sim, está a ser muito difícil para ela.

Luísa agarrou numa bandeja.

— Eu posso comer aqui, na cozinha.

— Não precisa de cerimónias comigo. Sei bem que a Alfreda está habituada a mordomias.

— Não tanto quanto imagina, senhora Luísa. Permita-me que me sirva a mim mesma.

— A menina Alfreda com certeza herdou a simpatia da sua mãe.

— Conhece os meus pais? Não me lembro de nos ter ido visitar.

— Trabalhei na casa da sua família, lá na sua cidade natal, mas não por muito tempo — respondeu num tom que me pareceu tão distante quanto o seu olhar se tornou.

— Deduzo que deixou a casa para vir morar com a minha tia aquando do casamento dela.

— Deduz bem, menina. Já são mais de vinte anos ao lado dos seus tios.

— Sente saudades da cidade?

— Nenhumas, aquele ambiente agitado nunca foi para mim. As manias das pessoas da cidade ter-me-iam destruído o espírito se por lá ficasse.

No meio da conversa, servi-me do chá e da tarte pousados sobre a mesa. Lá me sentei e comi, ali na cozinha. Foi-me difícil estar ali sem questionar sobre o falecido. Ainda ouvia a voz da minha tia a referir-se à sua morte como sendo resultado de um mal que não deveria existir.

— A senhora Luísa conhecia o falecido?

Os olhos dela moveram-se com agitação, fincou-os em mim e, logo em seguida, aclarou a garganta e falou vagarosamente:

— Ouvi falar dele, sim. Trabalhava com os seus tios no matadouro. Ainda era um homem novo, pai de família.

Apressou-se a abrir a torneira e retomou a lavagem da loiça.

— Sabe o que o levou?

— Como saberia? Não sou médica. É melhor chamar já uma charrete para si.

A passos largos, saiu da cozinha. Dirigiu-se à sala de estar, onde utilizou o único telefone da casa, e ligou para a estação de serviço da vila. Lá, foi apontado um cocheiro para se fazer à estrada com destino aqui.

Na ausência de Luísa, que demorou mais tempo do que o esperado, pus-me a olhar em volta como entretenimento. Reparei num buraco do tamanho de um punho numa das duas janelas com vista para a horta. Havia sangue nas fissuras do vidro esvaçalhado.

— Como se partiu a janela? — perguntei-lhe assim que voltou. O sangue causava-me uma preocupação súbita e, provavelmente, muito inusitada.

— Um pássaro desnorteadado. Espetou-se e partiu o vidro, vi-o contorcer-se por uns segundos que me pareceram minutos. Teve uma morte penosa. Assisti com os meus próprios olhos. Aconteceu hoje de manhã, minutos antes de a menina ter acordado, é por isso que o vidro ainda não foi trocado. Felizmente é verão e não temos de nos preocupar com a chuva.

— Lamento pelo que presenciou. Falando de ontem, acabei por não me aperceber a que ajuda a senhora Luísa se referia quando avisou que me apressasse em chegar à casa do trabalho.

— Ontem? Aquilo foram tolices de uma idosa. Não ligue, menina Alfreda. Os raios dos pássaros desnortearam-me.

— Pensei que tinha sido só um e antes de...

O sino da porta foi tocado.

— Mesmo a tempo. A charrete chegou — alertou. Foi logo abrir a porta e recebeu o cocheiro, *livrando-se assim de mim*.

— Menina Alfreda, seja bem-vinda.

Tomé, o empregado do avental ensanguentado, acenou ao ver a charrete parar junto da casa do trabalho e, prontamente, abriu a porta e ajudou-me a descer.

— Bom-dia, senhor Tomé.

Tinha apreendido o nome dele no dia anterior, ao escutar *acidentalmente* conversas que se ergueram com o trágico acontecimento.

— O seu tio deseja vê-la — contou, pouco animado pelo aviso. *Nem sequer se apercebeu de que eu agora sabia o seu nome*.

— Só um momento — pedi-lhe e voltei-me para o cocheiro: — Quanto é pela viagem?

— Espere! Não pague já, menina. O seu tio quer vê-la primeiro.

— Do que se trata? — estranhei.

— Não sei, menina. Ele recebeu um telefonema e logo em seguida disse que queria ser avisado da sua chegada.

— Um telefonema?

— Sim, menina. Não me pergunte de quem.

— Nesse caso, onde posso encontrar o meu tio?

— Está logo ali.

Tomé apontou para a entrada do matadouro e foi na frente. Levou-me até ao meu tio e deixou-nos a sós.

— Minha querida sobrinha, bons olhos te vejam. Dormiste bem? Eu e a tua tia não quisemos interromper o teu descanso. Assumimos que precisavas de umas horas extra de sono para recuperares da viagem e de toda a agitação que lhe sucedeu.

— Agradeço, tio. O que se passa? Fui avisada de que...

— Ora, creio que tenho uma notícia desagradável para te dar. A tua tia adoeceu, foi apanhada por uma gripe. O médico acabou de sair lá de casa e recomendou que ficasse em repouso absoluto por uns dias.

— Tão de repente?

— Ela já estava adoentada há alguns dias. Queixava-se de dores no corpo e na cabeça. A tragédia de ontem deve tê-la fragilizado e a doença apanhou-a de vez. Tratando-se de uma gripe, não podemos correr o risco de que também fiques doente, por isso, durante esse tempo, vamos ter de pedir que fiques numa estalagem na vila. Óbvio que não tens de te preocupar com os custos, pois, afinal, és nossa convidada.

— Não sei o que dizer, tio.

— Não precisas de dizer nada, sobrinha. Faz-nos um favor. Tira o dia e acomoda-te na estalagem.

— Tio, quanto ao incidente com a quinta, compus uma carta que, com a sua autorização, enviarei aos donos da quinta ainda hoje.

— Uma carta? Excelente ideia! — animou-se e, sem demoras, pegou na carta e chamou alto: — Sebastião?

Olhei na direção do chamado, Sebastião era o empregado que, não diferente do dia anterior, me agraciou com um olhar de desagrado assim que me viu.

— Sebastião, trata disto — requisitou o meu tio.

O empregado agarrou na carta sem tecer comentários e sem mostrar expressão, levou-a consigo até à carroça do matadouro e seguiu viagem. O meu tio voltou a insistir:

— Sobrinha, agora deixa-me acompanhar-te de volta à charrete. Vou dar as devidas indicações ao cocheiro.

Segui-o.

— Para a estalagem entre o centro e o bosque, mas antes passe novamente na casa e ajude a minha sobrinha com as malas — disse ele ao cocheiro, entregando-lhe umas moedas como pagamento.

— Senhor — o cocheiro tentou falar.

— Fique com o troco — interrompeu o meu tio.

Fiquei com os olhos em bico, pois, para alguém à beira de dificuldades financeiras, o meu tio estava muito generoso. Entrei na charrete.

— Até amanhã, sobrinha.

— Até amanhã — retribuí entre um sorriso acanhado.

De volta à casa dos meus tios, toquei o sino que funcionava como campainha. Esperei que Luísa abrisse a porta, mas minutos passaram e ela não apareceu. Toquei o sino novamente e ela continuou sem aparecer. Decidi procurá-la em volta da casa. Achei-a no jardim, abrigada do sol de primavera por um carvalho e rodeada por arbustos verdes e vistosos que lhe escondiam o corpo até ao pescoço.

— Senhora Luísa? — chamei-a assim que a vi, mas em vão. Vi-a erguer os braços, subindo o cabo de uma pá. Fê-lo repetidamente, num esforço desmedido.

— Tem de ficar bem fundo — murmurava Luísa consigo mesma. O buraco já tinha um tamanho considerável a julgar pelo amontoado de terra fresca ao seu lado. Fazia-o junto do carvalho, lembrando-se, de segundo a segundo, da necessidade de ficar bem fundo.

— Senhora Luísa? — toquei-lhe no ombro.

— Ah, o que está aqui a fazer? — Luísa deixou cair a pá e num salto voltou-se para mim. Tinha o avental, apertado em volta do seu vestido comprido de tons tristes, sujo de terra. E tinha lama na testa, deixada pela passagem da mão para limpar o suor.

— Senhora Luísa, não a queria assustar.

— Não esperava vê-la antes do almoço.

— Nem eu, mas o meu tio pediu-me que fizesse as malas e me mudasse para uma estalagem.

— Suponho que vai para aquela que está no centro da vila.

— Não, vou para a que está entre o centro e o bosque.

— Entre o centro e o bosque? Tem a certeza?

— Sim, penso que foi isso que o meu tio me disse. Porque pergunta?

Lançou-me um olhar inundado por confusão e, sem mais nem menos, pôs-se a apalpar os bolsos à procura das chaves da casa, apressando-nos:

— Curiosidade, é só. Vamos então, menina Alfreda?

— Senhora Luísa? Porque estava a cavar?

— Como? — esbugalhou os olhos. — Para plantar, mas é claro.

— O que vai plantar num buraco tão fundo? — atrevi-me, no tom mais cortês do qual fui capaz. Não era minha intenção aborrecê-la com a minha, talvez, inusitada curiosidade.

— Um arbusto — respondeu veloz.

Vi a cabeça de Luísa mover-se com urgência para *se refugiar* no chão. *Ou seria outra coisa?* Notei um saco negro de pano, do tamanho de uma bola de futebol, manchado por um líquido que se assemelhava *demasiado* a sangue. *Assemelhava-se tanto que não era possível que não o fosse.*

— O que tem naquele saco?

Luísa ficou pálida, momentaneamente petrificada. Tê-la-ia confundido com uma estátua se as suas vestes fossem acinzentadas. Tomou o seu tempo a responder.

— Pássaros desnorteados.

— Como aquele que partiu a janela da cozinha?

— Os pássaros já não gostam desta casa — contou em jeito de segredo.

— Não gostam? — o meu coração, sem mais nem menos, disparou. *Que doídice era esta?*

— Venha, menina. Não falemos mais disto, apenas não falemos mais disto.

Luísa afastou-se a passos largos, não me dando oportunidade de regeitar sobre o que tinha acabado de ouvir. Fê-lo de cabeça baixa, como se carregasse consigo um enorme peso. Arrepiei-me, surgindo-me a *maldita* ideia de abrir o saco. Dentro dele, achei uma carta no meio de uns quantos pássaros mortos. Apoderei-me dela:

*«Pássaro, passarinho, que doce sinal.
Este é o nosso segredo por um segredinho.
L. L.»*

Através da abertura na traseira da charrete, após acomodar-me e iniciar a viagem até à estalagem, vi Luísa com um rosário numa mão, enquanto a mão livre apalpava um dos bolsos do seu vestido como se nele guardasse algo valioso. *Parecia dirigir as suas rezas na minha direção.*

Mais tarde, a charrete parou em frente à estalagem. A minha primeira impressão não foi a melhor. A estalagem tinha um aspeto sombrio, concedido pelas paredes exteriores de pedra maciça e pela cerca de pedra deteriorada e conspurcada, cortada numa passagem entre dois postes acimados por duas cabeças de javalis esculpidas em pedra. Esse deveria ser o brasão da família proprietária. O fumo escuro, que saía pela chaminé no telhado, cujas

telhas achavam-se cobertas por musgo e heras, também não ajudava. Para não mencionar o bosque que, logo atrás, criava sombra e engolia a estalagem que mais se aparentava com uma mansão em ruínas.

Nos arredores não havia moradores. Teria de percorrer a longa estrada de terra batida até à curva e, escondida por mato alto, é que encontraria a casa de uma família de camponeses, bem afastada de uma segunda por bastos campos de pasto.

— Tem a certeza de que é aqui? — questionei o cocheiro.

— Sim, menina. Só há duas estalagens na região e esta foi a que o senhor Baltazar pediu.

— Creio que o meu tio pensa que ficarei melhor acomodada aqui — enruguei a testa, imaginando como seria a outra estalagem. *Seria tão sombria e tristonha? Fosse como fosse, decidi acreditar que o meu tio era quem sabia melhor.* Saí da charrete.

O cocheiro, um rapaz jovem, magro e de traços pálidos, agarrou nas malas e carregou-as até à receção, a qual se tratava de uma sala estreita e fracamente iluminada. Não devia ser limpa com regularidade, havia teias de aranha entre as paredes e o teto. Por detrás de um balcão, onde se notavam marcas de uso pela ausência de pó, uma mulher, já de idade avançada e cujas vestes denunciavam o seu luto, parou de tricotar e recebeu-nos. Fê-lo sem pressas e com má cara, *como se tivesse comido algo estragado.*

— O que desejam? — perguntou a mulher.

— Pretendo um quarto para uma semana. No entanto, ainda não tenho a certeza se precisarei de ficar por mais tempo.

A mulher aclarou a garganta e, vagarosa, deslocou-se até mim. Encarou-me entre um olhar analítico e, franzindo o nariz uma e outra vez, falou:

— A menina é a sobrinha dos Baltazar, não é?

— A senhora está bem informada — dei um passo para trás.

A mulher deixou escapar um riso gutural e tirou um molho de chaves de um dos bolsos do seu vestido negro.

— Aqui, tudo se sabe. Basta ir à feira ou à missa. Pessoas aborrecidas adoram meter o nariz na vida alheia. Acho que é tudo o que fazem — respondeu secamente.

— Não saberia dizer.

— Vamos então? Tu, rapaz, não estejas aí parado como uma assombração e ajuda com as malas — a mulher dirigiu-se ao cocheiro.

— Sim, senhora — disse ele prontamente.

Seguimos a mulher por uma escadaria até ao corredor no primeiro andar. O corredor terminava numa janela com vista para o bosque e, no seu

meio, tinha quatro portas fechadas. A mulher abriu uma delas, revelando um quarto.

— Por aqui — disse ela.

Entrámos no quarto e, logo adiante, existia uma porta semiaberta. Para meu descontentamento, não havia janelas, apenas aquela porta. A primeira coisa que fiz foi escancará-la. Dava acesso a uma varanda.

— O bosque — falei para o ar.

— Sim, o bosque — repetiu a senhora. — É para o que os turistas cá vêm. Gostam de admirar a natureza.

No resto do quarto, a mobília era de madeira escura e densa. Um guarda-roupa, uma cama de solteiro e duas mesinhas de cabeceira. A cama estava feita, a cobertura era velha, mas mal tinha sido usada. O soalho rangia e tinha linhas de pó deixadas pela vassoura que lhe fora passada com preguiça. Se não fosse pela vista para o bosque, teria pensado que os meus tios me estariam a punir por sabe-se lá o quê. *Por que outras razões me pediriam para ficar num lugar que apenas variava entre o cinzento e o negro?*

— Onde coloco as malas? — perguntou o cocheiro.

— Junto do guarda-roupa — ordenou a mulher, sem cerimónias.

Forcei um sorriso e educadamente agradei ao cocheiro pela sua simpatia, dando-lhe uma gorjeta.

— Não tem de quê, menina. Com licença.

Ele saiu do quarto.

— Também me vou. A casa de banho fica naquela porta — a mulher apontou na direção de uma porta no corredor. — É a casa de banho comum. O pequeno-almoço é às sete da manhã, o almoço é ao meio-dia e meia e o jantar às dezoito.

— O jantar é tão cedo?

— Escurece cedo por aqui. Agradeça à natureza.

Agradeça à natureza, o tom de desdém com que ela o sugeriu...

— Tem duas chaves na mesinha de cabeceira, uma para a porta de entrada e outra para a varanda. Aconselho a que mantenha a porta da varanda bem fechada quando sair e, especialmente, durante a noite. Qualquer coisa que necessite, estou lá em baixo. Com licença — disse a mulher, assinalando a sua saída com um bater de porta brusco.

Escutei os seus passos lentos até ao andar de baixo e, pouco depois, ouvi o cocheiro bater as rédeas, seguindo-se dos gemidos da charrete até à curva. Assim que a passou, a mansão sucumbiu num vazio desprovido de sons. Não se ouvia o clássico ranger de paredes centenárias nem sequer o passear de ratos típicos de moradias em condições de quase abandono, muito menos

o zumbido de uma mosca exasperante, própria da estação. Nem sequer se ouvia sinais de outros hóspedes. *Estaria eu sozinha?* Prestando atenção aos detalhes tristes e desbotados do quarto, não me admiraria saber que este teria sido cenário de crimes passados. E que, por consequência, fantasmas vagueariam por entre as suas paredes, aprisionados pelo tormento de terem tido as suas vidas roubadas. Arrepiei-me. *Que ideias estranhas me ocorriam. Eu deveria saber melhor, não existem fantasmas.*

Apoderei-me da chave do quarto. *Se tivesse de temer, o melhor seria temer pessoas, portanto, fechei a porta à chave.*

Ao pousar a chave de volta aonde a encontrei, fui apanhada por uma ligeira brisa vinda do bosque. Através da porta da varanda, observei as árvores altas e robustas a balançar ao sabor do vento de final de primavera. *Uma visão surreal, bela e cheia da maior frescura.* Guiei-me assim até à varanda e por lá fiquei, a admirar a paisagem, no meio da brisa que, de quando em vez, voltava e acariciava-me o rosto, deixando-me com uma sensação de conforto, paz... *finalmente, paz.* Com toda a agitação dos últimos dias, tinha-me esquecido de parar, *simplesmente parar por um momento*, e de olhar adiante, *lembrar-me do que existe para além de mim, para além desta vida que não tem sido nada simples. Que doce magia era esta, a de ser lembrada do quão sublime era o mundo. Encontrei-me assim a desejar que as pessoas na minha vida fossem de uma beleza tão descomplicada e plena quanto esta. O quão difícil seria isto, simplificar?*

Tirei do bolso um bilhete, que o meu pai me tinha escrito no dia da minha partida para esta vila:

«Vai, Alfreda.

Que a vida te sirva para valorizares o que tens, sua ingrata.

Horácio Lencastre.»